

NOTA DE APRESENTAÇÃO

Raul Iturra

Objectivo

Talvez aos leitores não tenha ocorrido ainda que a criança sabe. Quer dizer, a criança é um ser humano capaz de definir o real como esse real surge aos seus olhos e ouvidos; e que de facto para o mundo infantil, existe. Aos leitores pode parecer que estou a falar do adulto de forma pouco confiante. Ou, talvez ainda, os leitores pensem que aquilo que a criança sabe é um conjunto de ideias, expressas em conceitos sem mais utilidade que a expressão da afectividade, ou o desafio às convenções dos adultos, ou a sua manifestação nas brincadeiras e nos jogos. A maior parte das sociedades, Ocidentais ou em processo de transição para o desenvolvimento, ou ainda naquelas onde subsistem usos e costumes ditos primitivos, tem o cuidado de entender que os pequenos deverão ser adultos semelhante a eles. Toda a sociedade espelhada pelo mundo, cuida, considera, toma conta dos mais novos como seres que virão a reproduzir o agir social; pelo que nenhuma transgressão é aceite facilmente. Eis a ideia que domina tanto o pensamento científico como o pragmático, na nossa sociedade: bom e mau comportamento, prémio e castigo, louvor ou punição, inteligência ou desentendimento, obediência ou agressividade. A criança passa a ser um objecto de preocupações: deve ser corrigida, ou socializada em instituições especificamente definidas pelo grupo social, como a iniciação, os ritos públicos, a escola, o irmão mais velho, a tia que nunca casou, os avós. A pequenada é cuidada porque é definida como o futuro do grupo, e esse futuro, é a imitação perfeita do adulto de hoje.

Parece-nos que um conjunto de ideias diferentes deviam ser consideradas: primeiro, que o saber da criança é o entendimento conceptual, lógico e cognitivo das relações que se desenvolvem perto de si, relações sociais, ou relações das pessoas com os recursos que asseguram a sobrevivência. Em segundo lugar, a ideia de que o conhecimento infantil se exprime de forma diferente no contexto das relações inter pares e no contexto da interacção adultos-crianças. Em terceiro lugar, que a existência de crianças modifica o comportamento do adulto, comportamento que esse adulto gostava de manter estável, porque não foi fácil adquiri-lo através do tempo; e, ainda, que a crianças ensina novas vias ao adulto, embora aprenda dentro de um contexto por ele definido, classifica claramente o real batalha contra programa pré-estabelecidos, percebe que nem

todos são e falam como ele, e transporta o mundo do fantástico para dentro do real, até ser dramaticamente obrigada a pensar como o grupo social pensa. Uma criança pode ser definida como um processo de definição de relações e símbolos, entre o nascimento e a puberdade.

Temática

Uma parte do grupo que comigo trabalha, decidiu escrever sobre o saber das crianças. Sob a minha orientação, ao longo do tempo, e hoje sob a minha coordenação, queiramos definir processos e actividades que permitam ao leitor entender o dito saber. Começo por abordar uma forma particular de interacção entre ascendente e descendente: aquela através da qual um grupo social contextualiza, ou quer contextualizar, a emotividade do mais novo para assegurar a reprodução, isto é, a continuidade histórica das pessoas sobre a terra num ensaio que intitulei propositadamente "Gosto de ti por seres mulher"; embora a minha observação de campo me tenha revelado que é mais o contexto dos pequenos que influencia os adultos, do que o contrário: o adulto, solitário, comanda os pequenos, defendendo-os deles.

Amélia Frazão-Moreira, antropóloga da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, (actualmente a fazer doutoramento sob minha orientação sobre o saber das crianças de uma morança Nalu, em Bissau), analisa o processo de interacção que, no interior de uma grupo doméstico, (de uma aldeia de Trás-os-Montes), transmite saberes e contra saberes através das tarefas que constituem o trabalho doméstico (nutrição, arranjo doméstico, nas conversas sobre os amores e afectividade, etc.). Um trabalho que observei e filmei, porque os cientistas raramente se tornam parte de outra família que não seja a própria.

Filipe Reis, do Departamento de Antropologia Social do ISCTE, e que fez parte do grupo que comigo estudou o jogo infantil na Beira Alta, analisa a forma como a escola introduz as crianças na cultura escrita, a partir de uma experiência de terreno numa aldeia da Serra da Estrela. É docente do grupo que comigo ensina no ISCTE.

Paulo Raposo, também do grupo residente durante ano e meio na aldeia onde morámos na Beira Alta, e docente do grupo que coordeno para o ensino no nosso Departamento do ISCTE, regressou comigo à Beira Alta e observou os comportamentos rituais dos pequenos, colectando dados a partir dos quais foi

capaz de concluir que o real é representado e manipulado pela pequenada que estamos a estudar aí.

Ricardo Vieira, Professor Adjunto da Escola Superior de Educação de Leiria, membro do meu grupo de pesquisa há vários anos procura explicar como o adulto de hoje é resultado do jovem e da criança que antigamente foi; esta análise é feita por meio de entrevistas e análises de histórias de vida de professores do ensino básico.

Todos eles têm feito comigo o seu mestrado e vão, espero que em breve, acabar os anos de investigação, leitura e escrita, e explicar o real da infância nas suas teses de doutoramento. Todos eles têm, também, trabalhado em Paris nos Laboratórios de Levi-Strauss e de Pierre Bourdieu, laboratórios com os quais tenho feito convénios que a JNICT e a École des Hautes Etudes têm financiado - da mesma forma que orçamentou os trabalhos que surgem neste livro. Todos têm, também, publicados livros sobre o processo educativo: ensino e aprendizagem, quer em Portugal, quer em França, mais uma vez com o apoio da JNICT e da Embaixada da França. Todos eles, enfim, descendentes de Malinowski, Meyer Fortes, Jack Goody e Paulo Freire, por meu intermédio - já que foram eles os meus mestres; e da aprendizagem quer comigo, quer com os meus colegas Bourdieu, Herzlig, Godelier, Luiza Cortezão, Steven Stoer, François Bonvin, Marie-Elisabeth Handaman, Jorge Crespo; e das suas próprias investigações, observações, organização de dados, bem como conferências, aulas e publicações. Eu próprio, estou orgulhosos e agradecido de tudo aquilo que nas nossas intermináveis horas de debate, orientação, seminários, e anos de terreno, eles me têm ensinado.

Há, de entre o meu grupo, quem diga que o meu capítulo é muito pessoal: e assim é, de facto. Transferi para outros sítios da minha história de vida, o que vivi até hoje com eles e com os que não escrevem neste livro. Sou eu o adulto que, lentamente, vai ficando solitário porque este conjunto de jovens cresce em saber, número de pessoas com eles, descendentes, e os próximos jovens que próprios virão a formar. Goody, Bourdieu, Stoer e outros colegas me têm dito: "que sorte tens em ter uma equipa assim"; e tenho.

E quando já autónomos e independentes, se quiserem lembrar do seu velho professor, que me ofereçam um cravo. Em minha casa, ou lançado desde a rua. Porque o saber das crianças sabe guardar desde a aprendizagem através das práticas escolares e domésticas, o diálogo com o seu santo que com eles ficou,

entre a infância e a adultez intelectual. Queira o leitor passar já ao primeiro capítulo, esse que eu dediquei a uma das minhas descendentes consanguíneas - metaforicamente igual aos enteados e intelectuais; e queira encontrar aí a explicação do meu prefácio. Prefácio para um Caderno de Educação feito para debater com os que teorizam, ensinam e não pensam que, de facto, aprendem. E que, o que ensinam, é o que aprendem de ascendentes e descendentes.

Termino agradecendo a colaboração dos autores e o contributo da Dr^a Ana Cristina Castro de Filipe Reis no trabalho de organização deste livro.